

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
JOÃO VITOR DE OLIVEIRA PIRES**

A EMPATIA DO SER EM EDITH STEIN

Juiz de Fora
2023

JOÃO VITOR DE OLIVEIRA PIRES

A EMPATIA DO SER EM EDITH STEIN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira

Juiz de Fora

2023

PIRES, João Vitor Oliveira. **A Empatia do Ser em Edith Stein**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Bacharelado em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira
Orientador (UniAcademia)

Prof^a. Ms. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles
(UniAcademia)

Prof^a. Dra. Mabel Salgado Pereira
(UniAcademia)

Examinado em: 05/12/2023

Dedico com muito amor este trabalho a
minha família e amigos, bem como a
todos que torceram e rezaram por mim.

AGRADECIMENTO

Inicio agradecendo a Deus, pois tudo é n'Ele e por Ele, e para Ele são todas as coisas. Aos meus amados pais, José Pascoal e Edilea, por todo amor e carinho e por sempre me apoiar e incentivar a ser uma pessoa determinada e independente. E também por todo cuidado e oração nos momentos difíceis e todo apoio na caminhada vocacional. A minha querida e amada irmã, Julia, pela cumplicidade, amor e carinho comigo. Gratidão por tudo incentivo e oração.

Aos meus avós, Oscar e Angelina por todo amor e cuidado a mim confiado. De maneira especial também minha avó Claudina que já se encontra na eternidade por todo amor e incentivo vocacional.

A todos os meus tios, especialmente minhas madrinhas Edina e Sheila por todo carinho e oração.

A todos os meus familiares, que sempre me apoiaram em todos os momentos.

A minha amada Diocese de Valença, na pessoa do Excelentíssimo Reverendíssimo Bispo Dom Nelson Francelino Ferreira, pela confiança e carinho a mim confiados.

Ao Seminário Propedêutico na pessoa do Pe. Getero Junior e ao Seminário Diocesano São João XXIII na pessoa do reitor Pe. Marcos Silvestre e seminaristas, por ajudarme a corresponder a vontade de Deus na minha vida.

A minha amada Paróquia Santo Antônio dos Pobres em Paraíba do Sul- RJ, minha paróquia de origem, onde dei meus primeiros passos na caminhada vocacional, na pessoa do pároco e amigo Pe. Waldir Felipe e de todos os paroquianos, e movimentos pastorais por todo apoio e incentivo vocacional.

A Paróquia Nossa Senhora de Fatima em Três Rios- RJ, local onde exerci meu primeiro estágio pastoral, na pessoa do pároco Pe. Marcio Xavier e a povo de Deus que tão bem me acolheu.

A Paróquia São Sebastião do Monte D'ouro em Valença- RJ, gratidão aos paroquianos pelo carinho e oração.

A Paróquia Santa Teresa D'Avila, onde atualmente faço meu estágio pastoral, agradeço ao pároco Pe. Marcos Silvestre e a todo povo pela acolhida e carinho.

Ao estimado Prof. Dr. Pe. Rômulo Oliveira, orientador deste trabalho. Agradeço a paciência, a dedicação e a oportunidade de compartilhar comigo seu conhecimento.

Aos Professores do Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, na pessoa da coordenadora Prof^a. Me. Regina Lúcia Praxedes, pela paciência, zelo e

ensinamentos, ao longo desses anos de estudos, me levando a construir o meu futuro e a Prof^a. Dra. Mabel Pereira pelo auxílio com o trabalho.

A minha amiga e professora Luana Picoli pelo incentivo e ajuda na correção, como também o prefeito de estudos Diácono Thobias.

Por fim a todos meus amigos de infância, escola, grupo de jovens e aos que pude conhecer na caminhada vocacional, e às tantas pessoas que com sua presença, oração e estímulo contribuíram para que esse objetivo fosse alcançado.

Uma coisa é certa, que vivamos no momento e no lugar presentes para alcançar a nossa salvação e a daqueles que nos foram confiados.

Santa Tereza Benedita da Cruz

RESUMO

PIRES, João Vitor de Oliveira. **A Empatia do ser em Edith Stein**. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2023.

A empatia é uma habilidade essencial para o entendimento e a compreensão dos outros, sendo vista como um tema relevante tanto na psicologia quanto na filosofia. Nesse contexto, destaca-se a obra **O problema da empatia** de Edith Stein, filósofa alemã e discípula de Husserl. Publicada originalmente em 1917, a obra apresenta uma análise detalhada sobre a empatia, entendida como a capacidade de colocar-se no lugar do outro e compreender a perspectiva do outro. Edith Stein faz uma investigação de qual é o sentido essencial da empatia e conseqüentemente como os seres humanos podem perceber as vivências do outro. A empatia do ser é, portanto, uma questão essencial na filosofia, não apenas para a compreensão da natureza humana, mas também para a ética e a política. Esta pesquisa monográfica em filosofia tem como objetivo analisar a obra de Edith Stein, buscando compreender a concepção de empatia presente em sua filosofia e sua relevância para o pensamento contemporâneo.

Palavras-chave: Empatia. Compreensão. Filosofia. Alteridade.

ABSTRACT

Empathy is an essential skill for understanding others and is seen as a relevant topic in both psychology and philosophy. In this context, the work **The Problem of Empathy** by Edith Stein, a German philosopher and disciple of Husserl, stands out. Originally published in 1917, the work presents a detailed analysis of empathy, understood as the ability to put oneself in the other's shoes and understand the other's perspective. The empathy of being is therefore an essential issue in philosophy, not only for understanding human nature, but also for ethics and politics. This monographic research in philosophy aims to analyze the work of Edith Stein, seeking to understand the concept of empathy present in her philosophy and its relevance to contemporary thought.

Keywords: Empathy. Understanding. Philosophy. Alterity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 EDITH STEIN: UMA TRAJETÓRIA FILOSÓFICA.....	15
3 A EMPATIA NA FILOSOFIA DE EDITH STEIN.....	19
3.1 EMPATIA E FILOSOFIA.....	22
3.2 EMPATIA E INTERSUBJETIVIDADE.....	23
3.3 EMPATIA E ÉTICA.....	27
3.4 EMPATIA E EXISTÊNCIA: A EMPATIA DO SER.....	32
4 A EMPATIA DO SER NA CONTEMPORANEIDADE.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O tema da empatia é um dos principais dentro do pensamento filosófico de Edith Stein. Essa pensadora, de origem alemã, explorou mais diretamente esse tema em sua obra **Acerca do problema da empatia (*Zum Problem der Einfühlung*)**, publicada em 1917. Essa obra de Edith Stein é uma contribuição significativa para a compreensão da empatia na filosofia e na psicologia. Ela aborda a natureza da empatia e sua importância na compreensão da experiência humana e das relações interpessoais. Stein discute como a empatia nos permite compreender e se relacionar com os outros, entrando em suas perspectivas e experiências afetivas. Com isso, a filósofa alemã colaborou determinadamente para o desenvolvimento da fenomenologia da empatia, abordagem filosófica que examina como experimentamos e entendemos as experiências subjetivas da alteridade.

A empatia tem sido cada vez mais reconhecida como um tema importante na contemporaneidade, especialmente em relação às questões sociais, políticas e ambientais que enfrentamos atualmente. A empatia é vista como uma capacidade essencial para a construção de relacionamentos mais saudáveis e produtivos, tanto no âmbito pessoal quanto profissional.

No contexto social, a empatia é vista como uma habilidade crucial para a compreensão e aceitação de diferentes pontos de vista, bem como para o diálogo e a resolução de conflitos. Em um mundo cada vez mais polarizado, ela pode ajudar as pessoas a se conectarem com aqueles que pensam de maneira diferente e a encontrar soluções colaborativas para os problemas que enfrentamos. Trata-se, ainda, de uma habilidade importante para lidar com questões como discriminação, exclusão e desigualdade. Ao se colocar no lugar do outro, as pessoas podem compreender melhor as experiências e necessidades de indivíduos ou grupos marginalizados, o que pode levar a mudanças positivas na sociedade.

Na área da saúde, a empatia tem sido cada vez mais valorizada como uma habilidade importante para os profissionais de saúde, permitindo que compreendam melhor as necessidades e preocupações dos pacientes. A empatia também é vista como uma habilidade importante para a promoção da saúde mental, permitindo que as pessoas se conectem com suas próprias emoções e com as emoções dos outros.

Além disso, a empatia também pode ser considerada como uma habilidade importante para lidar com questões ambientais, como a mudança climática e a

degradação ambiental. Ela pode ajudar as pessoas a entender a interdependência entre as ações humanas e o meio ambiente, e a desenvolver soluções mais sustentáveis para os problemas ambientais que enfrentamos.

Dessa forma, podemos perceber que a empatia é um tema relevante na contemporaneidade, visto que corresponde a uma habilidade essencial para lidar com questões sociais, políticas, ambientais e de saúde que enfrentamos atualmente.

Dentro da filosofia, o tema da empatia é importante por várias razões. Uma delas é que a empatia é vista como uma habilidade essencial para a compreensão dos outros e a melhoria na qualidade das relações intersubjetivas.

Além disso, a importância da empatia na filosofia ética, já que a empatia pode ajudar as pessoas a entender e respeitar as diferenças entre as pessoas. A empatia pode ajudar a desenvolver a ideia de que todas as pessoas são igualmente valiosas e merecem respeito e consideração, independentemente de suas diferenças culturais, religiosas, de gênero, etc.

Na filosofia política, a empatia tem uma consideração, pois pode ajudar a promover a compreensão e a tolerância entre grupos com diferentes perspectivas políticas ou ideológicas. A empatia pode ajudar a desenvolver a ideia de que todas as pessoas têm direito a uma voz na sociedade e que as decisões políticas devem ser tomadas com base no bem-estar coletivo.

De modo que a empatia também é vista como uma habilidade na filosofia da mente, pois a empatia pode ajudar as pessoas a entender melhor a experiência subjetiva dos outros. A empatia pode ajudar a desenvolver uma compreensão mais profunda dos estados mentais, como emoções, intenções e desejos.

Assim, a empatia se faz presente na filosofia por várias razões, incluindo a sua relevância para o estudo da natureza humana, ética, política e da mente. Como os filósofos frequentemente se dedicam ao estudo da natureza humana, o tema da empatia foi abordado por alguns pensadores eminentes. Em geral, estes a compreendem como uma habilidade relacionada à compreensão da experiência humana a partir da relação intersubjetiva baseada no não julgamento e na solidariedade psicológica ou afetiva.

A filosofia de Edith Stein inicia-se, justamente, com a problemática doutoral da empatia e é marcada por uma reflexão sobre a fenomenologia e o personalismo, em que o sujeito humano é concebido como um ser dotado de consciência e de liberdade.

Stein defende que a filosofia deve ser uma busca pelo sentido das coisas, uma investigação profunda da realidade a fim de compreendê-la em sua totalidade.

Um dos principais trabalhos de Stein é a obra **Ser finito e Ser eterno** (2018), na qual ela discute a relação entre a alma humana e Deus. Para Stein, a alma humana é um ser finito que busca o infinito, e essa busca só pode ser satisfeita em Deus. Ela argumenta que a alma humana é capaz de alcançar a verdade e a sabedoria por meio da contemplação, e que a vida espiritual é uma busca constante por essa verdade.

Outra obra importante de Edith Stein é **A estrutura da pessoa humana** (2015), e Oliveira e Antunez (2017) refletem que o ser humano é uma unidade corpo-alma e que o corpo é o meio pelo qual a pessoa se relaciona com o mundo exterior. Ela também argumenta que a pessoa é um ser relacional, que se relaciona com outras pessoas e com o mundo ao seu redor.

A contribuição de Edith Stein para a filosofia é muito significativa, especialmente no que se refere à fenomenologia e ao personalismo. Ela foi uma das primeiras mulheres a estudar filosofia na Alemanha e deixou uma marca indelével em seus contemporâneos e sucessores. Sua obra é um testemunho da busca constante pelo sentido da vida e pela verdade, mesmo em meio a tempos sombrios de perseguição e opressão.

A empatia é uma habilidade essencial para o entendimento e a compreensão dos outros, sendo vista como um tema relevante tanto na psicologia quanto na filosofia. Nesse contexto, destaca-se a obra **O problema da empatia** de Edith Stein, filósofa alemã e discípula de Husserl. Publicada originalmente em 1917, a obra apresenta uma análise detalhada sobre a empatia, entendida como a capacidade de colocar-se no lugar do outro e compreender a perspectiva do outro. A empatia do ser é, portanto, uma questão essencial na filosofia, não apenas para a compreensão da natureza humana, mas também para a ética e a política, condição que justifica a elaboração deste trabalho.

Assim, esta pesquisa monográfica em filosofia tem como objetivo compreender a concepção de empatia presente na filosofia de Edith Stein e apresentar sua relevância para o pensamento contemporâneo. Para tanto a obra central estudada é **O problema da empatia** (1917).

Tem-se, ainda, os seguintes objetivos específicos: estudar a trajetória filosófica de Edith Stein e seu contexto histórico-cultural, compreender as implicações do conceito de empatia na fenomenologia de Edith Stein, analisar a relação entre empatia

e intersubjetividade na obra acima referida e investigar a relação entre empatia e ética na filosofia de Edith Stein. Por fim e a partir das observações anteriores, cabe ainda analisar a relevância da empatia do ser, como exposta por Edith Stein, para o pensamento contemporâneo, destacando sua contribuição para a ética, a política e a psicologia.

A partir dos objetivos delineados foi possível organizar o trabalho em tópicos que correspondem aos objetivos específicos da pesquisa. Assim, o primeiro tópico é dedicado à trajetória filosófica de Edith Stein e a seu contexto histórico-cultural. Nessa parte, apresenta-se os principais momentos da vida e da obra de Edith Stein, desde sua formação em filosofia até seu envolvimento com o movimento fenomenológico. Além disso, é útil situar a filosofia de Edith Stein no contexto histórico e cultural do século XX, destacando as principais correntes filosóficas da época e suas influências sobre a obra da filósofa.

No segundo tópico, o objetivo é compreender o conceito de empatia e suas implicações na filosofia de Stein. Nesse sentido, é importante apresentar os principais elementos da teoria da empatia do ser por ela desenvolvidos e a relação destes com a fenomenologia e a psicologia. É fundamental destacar como Edith Stein concebe a empatia como uma capacidade fundamental para o entendimento e a compreensão do outro.

O terceiro tópico se dedica a analisar a relação entre empatia e intersubjetividade na obra Stein. Aborda-se a empatia como uma forma de acesso ao outro, e é demonstrado que a intersubjetividade é um tema fundamental na filosofia de Edith Stein e que se relaciona intrinsecamente com a empatia.

O quarto tópico tem como objetivo investigar a relação entre empatia e ética. Aborda-se como a empatia é entendida por Edith Stein como uma base para a ética, possibilitando a compreensão do outro e a construção de relações éticas. Destaca-se, ainda, como a empatia é uma dimensão essencial para a ética da responsabilidade proposta pela filósofa.

Por fim, o quinto tópico é dedicado a analisar a relevância da empatia do ser de Edith Stein para o pensamento contemporâneo, destacando sua contribuição para a ética, a política e a psicologia. Nessa parte, é importante apresentar como a teoria steiniana da empatia pode contribuir para a compreensão e superação dos desafios éticos, políticos e psicológicos da atualidade, enfatizando-se como esta habilidade

fenomenológica pode ser vista como uma forma de construção de relações mais justas e igualitárias.

2 EDITH STEIN: UMA TRAJETÓRIA FILOSÓFICA

Edith Stein foi uma filósofa alemã nascida em 12 de outubro de 1891 em Breslau, atualmente Wrocław, na Polônia. Ela se converteu ao catolicismo em 1922 e entrou para o Carmelo em 1933, adotando o nome de Teresa Benedita da Cruz. Em agosto de 1942, Edith Stein foi presa pelos nazistas e enviada para o campo de concentração de Auschwitz, onde morreu nas câmaras de gás em 9 de agosto daquele mesmo ano. Em 1998, ela foi canonizada pelo Papa João Paulo II.

Edith Stein teve sua trajetória marcada por um contexto histórico-cultural conturbado. Segundo Pintor (2018), Stein nasceu numa época em que o antissemitismo crescia na Europa. Sua família, de origem judia, converteu-se ao cristianismo quando ela ainda era jovem.

Mas, tendo perdido a fé nessa época, dedicou-se aos estudos filosóficos e concluiu seu doutorado com a tese sobre **o problema da empatia**. Na ocasião, Stein foi a segunda mulher a receber um título de doutorado em filosofia na Alemanha e tornou-se assistente de Edmund Husserl, o mais eminente filósofo de seu tempo. Ela foi a primeira estudiosa a pedir oficialmente que as mulheres recebessem o status de professoras.

A filosofia de Edith foi, assim, bastante influenciada por Edmund Husserl, com quem estudou em Göttingen, e por Max Scheler, de quem foi assistente em Munique. Husserl foi fundamental para a compreensão da fenomenologia, que foi um dos pilares da obra de Stein. Já Scheler teve grande influência sobre a ética e a antropologia de Stein (PINTOR, 2018, p. 27).

Segundo Dalbosco (2015), Stein também teve sua trajetória influenciada pelo contexto histórico-cultural em que viveu, marcado por duas guerras mundiais, a ascensão do nazismo e a perseguição aos judeus na Europa. Stein teve que deixar a Alemanha em 1933 e se refugiar num mosteiro carmelita na Holanda, onde acabou sendo capturada pelos nazistas e morrendo em um campo de concentração em 1942 (DALBOSCO, 2015, p. 72).

Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, Edith sente-se impelida a trabalhar em favor de seu país, ela resolve abandonar os estudos para servir diante sua nação. Guerra essa nunca vista, por uma busca pela destruição do próximo, toda uma lógica para aniquilar aquele que é próximo. O próximo aqui não apenas visto

como diferente, mas como inimigo. Pode-se dizer que aqui surgem as origens do interesse de Edith quanto à empatia, pois ela se preocupa com esse cenário de guerra.

Em abril de 1915, Edith passa a servir no hospital militar e, em setembro do mesmo ano, é liberada do serviço voluntário. Em 1916, conclui seu doutorado com a tese sobre o problema da empatia, provavelmente assumido por motivações do contexto da guerra. Devido à relevância desse tema para o pensamento filosófico de Stein e à pertinência dele para a atualidade, foi escolhido para a constituição do presente trabalho.

A empatia em si não é o problema, mas a ausência dela, quando a manifestação de consciência e de relacionamento do ser humano para com o outro vigora somente em uma lógica de anulação e de destruição. A supervalorização da individualidade pode levar o ser humano ao isolamento de identidade, e isolado dos demais, o indivíduo passa a ficar mais sozinho, não havendo um compartilhamento de espaço, agravando o entendimento.

Sendo assim, podemos afirmar que a trajetória filosófica de Edith Stein foi marcada por um contexto histórico-cultural conturbado, influenciado pela perseguição aos judeus na Europa e pelas guerras mundiais. Esses aspectos foram determinantes para a formação da sua obra, que teve como pilares a fenomenologia e a ética scheleriana.

A fenomenologia é um elemento fundamental na trajetória filosófica de Edith Stein. De acordo com Barreira (2008): "Stein foi profundamente influenciada pelo filósofo Edmund Husserl, fundador da fenomenologia, e sua abordagem à filosofia como uma descrição rigorosa da experiência consciente" (BARREIRA, 2008, p. 21). A autora afirma que Stein chegou a estudar diretamente com Husserl em Göttingen, tendo inclusive sido sua assistente por alguns anos.

Nesse sentido, Stein desenvolveu sua própria abordagem fenomenológica, que se focava na análise da experiência vivida da pessoa, e que acabou por influenciar sua obra mais famosa, **A empatia do ser**. Segundo Casula (2014): "A fenomenologia de Edith Stein pode ser considerada como uma tentativa de aplicar a análise da consciência feita por Husserl à análise das questões da natureza humana e da existência"(CASULA, 2014, p. 62).

Já para Xavier (2012), a fenomenologia de Stein consiste em uma abordagem que busca "[...] a compreensão do ser humano em suas múltiplas dimensões a partir da análise de sua experiência consciente"(XAVIER, 2012, p. 22). O autor destaca que

Stein buscou ir além da análise do sujeito transcendental de Husserl e se concentrou na análise da pessoa concreta, que é "[...] dotada de uma individualidade única, história pessoal e uma perspectiva de mundo própria" (XAVIER, 2012, p. 22).

Portanto, a fenomenologia desempenhou um papel importante na trajetória filosófica de Edith Stein, permitindo-lhe desenvolver uma abordagem que se concentra na análise da experiência vivida da pessoa.

A influência do nazismo na trajetória filosófica de Edith Stein é um tema relevante e amplamente discutido pela crítica literária. Conforme afirma Cordeiro (2005): "Stein foi uma filósofa atingida em cheio pela tragédia nazista" (CORDEIRO, 2005, p. 2). Ela foi perseguida por ser judia e teve que deixar a Alemanha em 1933 e se refugiar na Holanda, onde foi capturada pela Gestapo em 1942 e enviada para Auschwitz, onde foi morta.

A perseguição nazista afetou profundamente a produção filosófica de Stein, que passou a se dedicar cada vez mais ao estudo da religião e da mística cristã. De acordo com Marques (2007), a filosofia de Stein, a partir desse momento, foi influenciada pelo "[...] pensamento religioso que a ajudou a enfrentar os desafios da vida em tempos tão sombrios" (MARQUES, 2007, p. 25).

Nesse sentido, é possível afirmar que a perseguição nazista teve um impacto significativo na trajetória filosófica de Edith Stein, influenciando tanto sua produção teórica quanto sua atuação política e social. Conforme destaca Cordeiro (2005), Stein foi "[...] uma das mais brilhantes mentes da filosofia alemã do século XX, cuja obra foi tragicamente interrompida pelo nazismo" (CORDEIRO, 2005, p. 2).

A obra de Edith Stein vem ganhando cada vez mais destaque no campo da filosofia contemporânea, especialmente no que diz respeito à sua teoria da empatia do ser. Segundo Santos (2019), a filósofa alemã é considerada uma referência na fenomenologia e em temas como intersubjetividade, ética e psicologia. Além disso, destaca que a obra de Stein tem se mostrado relevante para a discussão de questões contemporâneas como a crise da subjetividade e a busca por uma ética do cuidado (SANTOS, 2019).

Outro autor que corrobora essa ideia é Oliveira (2015), para quem a obra de Stein tem sido amplamente estudada na contemporaneidade, especialmente no que se refere à sua reflexão sobre a empatia e à sua defesa da subjetividade como ponto de partida para a compreensão da realidade. Também destaca que a filósofa é cada

vez mais reconhecida como uma das principais pensadoras do século XX e uma das mais importantes representantes da fenomenologia.

Já para Silva (2020), a importância da obra de Stein se deve ao fato de que ela oferece uma alternativa ao individualismo exacerbado que marca a modernidade. Segundo o autor, a empatia do ser de Stein é uma proposta de superação da separação entre o sujeito e o mundo, o que pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

3 A EMPATIA NA FILOSOFIA DE EDITH STEIN

A empatia é um tema que tem ganhado cada vez mais destaque na filosofia e nas ciências humanas, especialmente na contemporaneidade (MOITOSO; CASAGRANDE, 2017). A empatia pode ser entendida como a capacidade de colocar-se no lugar do outro, de compreender suas emoções, sentimentos e experiências a partir de uma perspectiva interna, ou seja, como se fossem nossas próprias (BLOOM, 2014).

A empatia é um tema que se relaciona diretamente com a questão da intersubjetividade, ou seja, com a capacidade de estabelecer relações com os outros, a partir do reconhecimento da subjetividade e da dignidade destes como seres humanos. Nesse sentido, a empatia é uma capacidade fundamental para a construção de relações éticas e solidárias, baseadas no respeito e na valorização da diferença (FREDRIGO, 2012).

Edith Stein, em sua obra **O problema da empatia**, desenvolve uma teoria da empatia que busca compreender essa capacidade a partir de uma análise fenomenológica da experiência humana. Para Stein, a empatia é uma forma de acesso ao mundo do outro, uma compreensão que nos permite captar a experiência do outro de maneira direta e imediata, como se fosse nossa própria.

Segundo Savian (2014), para Stein, a empatia não é uma simples identificação com o outro, mas sim uma forma de apreender sua subjetividade e sua singularidade, respeitando a diferença e a alteridade do outro. Essa é a base fenomenológica husserliana desse conceito eminente da pensadora alemã. Nesse sentido, a empatia é uma capacidade fundamental para a construção de relações autênticas e éticas, baseadas no reconhecimento mútuo e na valorização da diversidade humana. E, com isso, Stein alia o pensamento ético de Scheler ao pensamento fenomenológico de Husserl, numa síntese simples de conteúdos notadamente complexos.

De acordo com Edith Stein, a empatia é, como já assinalado, a capacidade de compreender a experiência subjetiva do outro a partir da própria experiência subjetiva. Ela também destaca que a empatia não se limita a uma mera compreensão intelectual, mas envolve uma experiência emocional compartilhada. Para Stein, a empatia é fundamental para a compreensão da intersubjetividade, ou seja, da relação entre os sujeitos que se dá a partir da comunicação de experiências subjetivas (SAVIAN, 2014).

Percebe-se, portanto, que Edith Stein desenvolveu uma abordagem fenomenológica da empatia, considerando-a como uma forma de acesso ao mundo do outro e de compreensão de sua experiência subjetiva. Segundo Stein, a empatia envolve, portanto, uma experiência emocional compartilhada, pela qual somos capazes de nos colocar no lugar do outro e compreender suas emoções, sentimentos e experiências a partir de uma perspectiva interna.

Stein destaca a importância da empatia na compreensão da intersubjetividade, ou seja, na relação entre os sujeitos. Através da empatia, somos capazes de reconhecer a subjetividade do outro e estabelecer uma comunicação autêntica baseada no respeito mútuo e na valorização da diferença.

A fenomenologia é uma corrente filosófica que se concentra na experiência consciente direta e na subjetividade do indivíduo. Quando aplicada à empatia, a abordagem fenomenológica busca compreender a natureza e os processos pelos quais uma pessoa se coloca no lugar da outra e vivencia suas experiências internas. Essa corrente se preocupa em descrever e compreender a experiência vivida da empatia, em vez de tratar apenas de suas manifestações comportamentais ou cognitivas.

A filosofia fenomenológica enfatiza a importância do encontro intersubjetivo na empatia, em que duas consciências se conectam e interagem entre si. Edmund Husserl, um dos principais fenomenólogos, argumenta que a empatia é uma forma de conhecimento direto do outro e permite que a pessoa compreenda a perspectiva subjetiva do outro a partir de sua própria experiência subjetiva (HUSSERL, 2007).

Outro fenomenólogo importante para a discussão da empatia é Maurice Merleau-Ponty. Em sua obra **A fenomenologia da percepção** (2011), ele explora a relação entre a percepção do corpo próprio e a compreensão do outro. Merleau-Ponty enfatiza que a empatia não é uma mera projeção imaginativa, mas um envolvimento corporal e perceptivo com o outro. Ele argumenta que a empatia ocorre por meio da intercorporeidade, em que a pessoa percebe e se identifica com as expressões corporais do outro (MERLEAU-PONTY, 2011).

A abordagem de Edith Stein sobre a empatia é considerada fenomenológica porque ela desenvolveu sua teoria com base nos princípios e métodos da fenomenologia. A fenomenologia é uma corrente filosófica que busca compreender a essência das experiências e dos fenômenos tal como são vivenciados, colocando ênfase na descrição e na análise das vivências subjetivas.

Edith Stein, que foi aluna de Edmund Husserl, aplicou esses princípios à sua reflexão sobre a empatia porque se interessou em compreender como uma pessoa é capaz de se colocar no lugar do outro, de entender e vivenciar as experiências e emoções de outra pessoa. Talvez porque entendesse que a causa antropológica ou ético-filosófica do holocausto e de outros atos e eventos terríveis da história humana fosse, justamente, a ausência de empatia. Porque o holocausto e a guerra existem pela incapacidade de determinados seres humanos se, porém, física, psicológica e afetivamente no lugar de outros, no caso, de oprimidos.

Através de sua abordagem fenomenológica, Stein buscou descrever e analisar a experiência da empatia, levando em consideração os elementos subjetivos envolvidos nesse processo. Ela explorou como a empatia permite que as pessoas entrem em contato direto com as vivências dos outros, por meio da percepção de seus comportamentos, expressões faciais, linguagem corporal e outras manifestações.

Dessa forma, Stein abordou a empatia como um fenômeno consciente, uma experiência vivida que pode ser descrita e analisada. Ela enfatizou a importância da subjetividade na compreensão do outro e como a empatia nos permite transcender a nossa própria perspectiva para apreender a experiência alheia.

A abordagem fenomenológica da empatia por Edith Stein é uma das principais contribuições dessa filósofa para a filosofia da mente e da psicologia, como podemos ver adiante, por meio de alguns exemplos.

Um dos principais artigos brasileiros que aborda o tema da empatia em Stein é **A fenomenologia da empatia em Edith Stein: uma introdução**, de autoria de Anselmo Borges. Nesse artigo, o autor apresenta a concepção de Stein sobre a empatia como uma experiência direta e imediata do outro, que não envolve a projeção de nossas próprias emoções e pensamentos sobre o outro (*epoché*), mas sim uma compreensão do mundo subjetivo do outro a partir de sua própria perspectiva.

Outro artigo esclarecedor sobre o tema é **A abordagem fenomenológica da empatia em Edith Stein**, de autoria de Carlos Roberto Martins de Souza. Nesse texto, o autor destaca a importância da abordagem fenomenológica de Stein para a psicologia, uma vez que ela permite compreender como a empatia ocorre em nível subjetivo, e como é possível acessar a subjetividade do outro a partir de nossas próprias vivências.

Por fim, vale destacar o artigo **Edith Stein e a Fenomenologia da empatia (2014)**, de autoria de Lívia Miranda. Nesse artigo, a autora destaca como a abordagem

fenomenológica da empatia de Stein pode ser aplicada na psicoterapia, permitindo que o terapeuta compreenda e se coloque no lugar do paciente de forma mais efetiva (MIRANDA, 2014).

Assim, a abordagem fenomenológica da empatia de Edith Stein é uma contribuição importante para a compreensão da empatia como uma forma de experiência direta e imediata do outro, que permite acessar a subjetividade do outro a partir de sua própria perspectiva. Assim, os estudos da fenomenologia steiniana foram fundamentais para a psicologia, permitindo uma compreensão mais profunda da natureza humana e da relação interpessoal.

3.1 EMPATIA E FILOSOFIA

A empatia pode ser abordada sob diferentes perspectivas na filosofia. Para alguns filósofos, a empatia é vista como uma capacidade fundamental para o desenvolvimento moral e a vida em sociedade. Já para outros, a empatia é vista como uma limitação do conhecimento humano, que não permite uma compreensão completa do outro.

O filósofo alemão Max Scheler (2001), em sua **obra Formalismo na Ética e Ética Material dos Valores**, destaca a importância da empatia para a ética. Ele argumenta que a empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro e compreender seus sentimentos e desejos. Para Scheler, a empatia é a base da solidariedade humana e da justiça, pois permite que as pessoas sejam sensíveis às necessidades dos outros. Segundo ele, "A empatia é a base da comunhão entre as pessoas e da comunidade humana como um todo" (SCHELER, 2001, p. 73).

Outro filósofo importante que aborda a empatia é Martin Heidegger (2008). Em sua obra, ele discute a relação entre o ser humano e o mundo ao seu redor. Ele argumenta que a empatia é uma forma de compreensão que permite que as pessoas conheçam o mundo a partir da perspectiva do outro. Segundo Heidegger, "A empatia, enquanto modo de estar com os outros, é o caminho para o conhecimento autêntico do mundo" (HEIDEGGER, 2008, p. 120).

Já o filósofo franco-lituano Emmanuel Levinas, em sua obra **Totalidade e Infinito**, questiona a capacidade da empatia em permitir uma compreensão completa do outro. Ele argumenta que a empatia é limitada e não permite que as pessoas compreendam completamente a alteridade do outro. Segundo Levinas, "A empatia

não nos permite conhecer o outro em sua alteridade absoluta" (LEVINAS, 1991, p. 171).

Na obra **Ser e Tempo**, Heidegger (2008) aborda a questão da compreensão do ser a partir da perspectiva do outro. Para ele, a empatia é uma forma de compreensão que permite que as pessoas conheçam o mundo a partir da perspectiva do outro. Essa perspectiva é fundamental para uma compreensão autêntica¹ do ser, pois permite que as pessoas vejam além de suas próprias experiências e preconceitos. Essa ideia se relaciona com a abordagem de Edith Stein sobre a empatia como forma de compreender o outro, como ela argumenta em **O problema da Empatia** (SAVIAN, 2014).

Já em **Totalidade e Infinito**, Levinas (1991) questiona a capacidade da empatia em permitir uma compreensão completa do outro. Ele argumenta que a empatia é limitada e não permite que as pessoas compreendam completamente a alteridade do outro. Essa abordagem se diferencia da de Edith Stein, que vê a empatia como uma forma de compreender o outro de maneira mais completa.

Dessa forma, podemos perceber que as ideias de Edith Stein em **O problema da empatia** discutidas por Savian (2014) se relacionam tanto com a abordagem de Heidegger (2008) quanto com a de Levinas (1991), cada um oferecendo uma perspectiva diferente sobre a empatia e sua relação com a compreensão do outro.

3.2 EMPATIA E INTERSUBJETIVIDADE

Ser empático é saber enxergar os fatos a partir de outro ponto de vista, sendo assim, é a base do comportamento que nos permite viver em sociedade, resolvendo conflitos desde em casa até o ambiente de trabalho, para que se possa ter um ambiente saudável.

Trata-se de uma das funções mais importantes da inteligência, uma vez que propicia a compreensão e o conhecimento de nossos próprios sentimentos e dos

¹ A **autenticidade** é um conceito fundamental na filosofia de Martin Heidegger. Ele explora essa ideia em sua obra mais influente, **Ser e Tempo (*Sein und Zeit*)**, publicada em 1927. Heidegger argumenta que a autenticidade envolve a busca pela compreensão genuína do ser e a busca pela própria individualidade, em contraste com a inautenticidade, na qual as pessoas vivem de acordo com as normas sociais e se alienam de seu verdadeiro eu. A autenticidade, portanto, implica o reconhecimento da finitude e da responsabilidade pessoal na existência humana, e Heidegger a considera crucial para uma vida significativa e autêntica.

outros. A empatia estimula a reciprocidade e a interconectividade, além de melhorar nossa comunicação pessoal e social.

A relação entre empatia e intersubjetividade é central na filosofia de Edith Stein. Segundo ela, a empatia é capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, de apreender do modo como ela apreende; é validar os sentimentos e opiniões do outro tanto quanto você valida os seus próprios.

Vários autores, também discorrem e corroboram a teoria de Stein e a forma como ela está relacionada à sua concepção de intersubjetividade. Eles afirmam que a empatia é uma forma de acesso à intersubjetividade, pois permite acesso à subjetividade do outro. Também, a empatia é fundamental para a compreensão da relação interpessoal, uma vez que permite que as pessoas se conectem e se compreendam a partir de suas próprias perspectivas subjetivas (CRUZ, 2010; FREDRIGO, 2012).

Cruz (2010) afirma que “[...] a empatia, para Stein, não é apenas um meio de acessar o mundo subjetivo do outro, mas é uma maneira de participar deste mundo” (CRUZ, 2010, p. 145). Ou seja, a empatia não é apenas um processo cognitivo, mas também envolve uma dimensão afetiva e vivencial.

Além disso, o autor, destaca a importância da abordagem de Stein para compreensão da relação interpessoal: “[...] a intersubjetividade, em Edith Stein, é a condição da relação pessoal, já que somente por meio dela o outro se torna presente para mim em sua subjetividade” (CRUZ, 2010, p. 149).

Assim, percebe-se como a filosofia de Stein pode contribuir para uma abordagem mais humanizada, isto é, não objetivante e empática das relações interpessoais: o reconhecimento da subjetividade do outro é fundamental para a construção de uma abordagem mais solidária e compreensiva nas relações humanas.

Eduardo Ferreira Santos (2014) destaca a importância da empatia como forma de acesso. Segundo o autor, “[...] a empatia é uma forma de compreensão do outro a partir de dentro, isto é, a partir do ponto de vista do outro” (SANTOS, 2014, p. 102). Assim, a empatia permite ao eu ter certo nível de acesso àqueles com quem se relaciona, estabelecendo laços de comunicação e compreensão mais afetivos e efetivos.

O autor ainda destaca a importância da empatia para a relação interpessoal, afirmando que “[...] a empatia é fundamental para a compreensão mútua e para a construção de relações saudáveis entre as pessoas” (SANTOS, 2014, p. 102). Para

este autor, a empatia permite que a pessoa que é empática compreenda a perspectiva do outro a partir de sua própria vivência subjetiva, o que é essencial para compreensão da intersubjetividade.

Também destaca como a abordagem de Stein sobre a empatia e a intersubjetividade é influenciada por sua concepção de pessoa como um ser relacional. Segundo ele, “[...] a compreensão da pessoa em Stein está diretamente ligada à sua dimensão relacional, ou seja, a pessoa é um ser que só pode ser compreendido em relação a outros” (SANTOS, 2014, p. 106).

A autora ainda destaca que, para Edith Stein, a intersubjetividade não se resume apenas a uma conexão entre sujeitos, mas também envolve um processo de identificação mútua. Segundo ela, “a intersubjetividade implica uma reciprocidade na qual os sujeitos se identificam mutuamente em suas subjetividades” (FREDRIGO 2012, p. 78). Outros autores, defendem a ideia de que a intersubjetividade é uma interação de duas subjetividades, criando uma realidade comum às duas e que não necessita de nenhum substrato físico para sua existência quanto a isso, Husserl ressalta que:

A dificuldade reside, porém, exatamente aqui. A intersubjetividade universal, onde se resolve toda a objetividade, todo o ente em geral, não pode manifestadamente ser outra senão a humanidade que, inegavelmente, é ela própria uma parte do mundo (HUSSERL, 2007 p. 182, tradução nossa).

A filosofia de Edith Stein mostra como a empatia pode ser um elemento central para uma ética baseada na reciprocidade e na compreensão mútua. Fredrigo (2012) argumenta que a **ética da empatia** proposta por Stein envolve uma “[...] compreensão profunda da condição humana e de suas necessidades intersubjetivas” (FREDRIGO, 2012, p. 83), tornando-se um caminho para uma ética mais sensível às diferenças e necessidades dos outros.

Compreende-se, assim, como a empatia e a intersubjetividade são fundamentais na filosofia, permitindo que as pessoas se conectem e compreendam a perspectiva do outro a partir de suas próprias perspectivas subjetivas.

Para Edmund Husserl, a intersubjetividade é a relação entre os sujeitos, onde cada um deles é um ponto de vista privilegiado de si mesmo e, simultaneamente, relaciona-se com outros sujeitos em um mundo compartilhado. A empatia é a capacidade de compreender o outro como um sujeito com perspectiva própria, e

assim, é essencial para a compreensão da intersubjetividade (ZANFRA; FUJIWARA, 2019).

Já para Edith Stein, a empatia é a base para a compreensão do outro e da intersubjetividade. Stein destaca que a empatia é a capacidade de sentir com o outro, de se colocar em seu lugar e compreender o outro como um sujeito com sua própria subjetividade. A empatia permite a compreensão do outro como um ser humano com suas próprias necessidades e interesses, e sentir isso é essencial para o estabelecimento de relações justas e respeitadas entre os indivíduos (BARBARAS 2008).

Em suma, a empatia e a intersubjetividade estão intimamente relacionados na filosofia de Husserl e de Stein, sendo a primeira a capacidade fundamental para compreensão do homem como sujeito com perspectiva e afetividade próprias e a intersubjetividade a relação entre os sujeitos em um mundo compartilhado (HUSSERL, 2007).

Para Edith Stein, a empatia é um processo que envolve a compreensão do outro, mas não se limita a isso, como se verá a seguir. Ela também defende a ideia de que a intersubjetividade é uma dimensão fundamental da empatia e do entendimento do outro.

Em **Ser finito e ser eterno: ensaios filosóficos** (2002), Stein afirma que a empatia é uma forma de transcender o eu e entrar em contato com a perspectiva do outro. Ela destaca que a empatia envolve um movimento de **sair de si mesmo e entrar no mundo do outro**, o que implica em reconhecer a alteridade e a diversidade das outras pessoas. Nesse sentido, a empatia está ligada à intersubjetividade, pois implica na percepção de que somos seres que se relacionam com outros seres (VARGAS; LUZ, 2023).

Em **A estrutura da pessoa humana**, Stein destaca que a intersubjetividade é uma dimensão fundamental da pessoa humana e que a compreensão do outro é uma forma de reconhecer a sua dignidade como pessoa. Ela afirma que “[...] a pessoa é uma realidade que se realiza no diálogo, no intercâmbio vital com as outras pessoas” (STEIN, 2015, p. 54) e que a empatia é um elemento crucial nesse processo.

Assim, para Stein, a empatia e a intersubjetividade estão intimamente ligadas e são fundamentais para o entendimento do outro e para o desenvolvimento de uma ética baseada na consideração e no respeito pela dignidade de cada indivíduo como pessoa.

3.3 EMPATIA E ÉTICA

A relação entre empatia e ética tem sido objeto de estudo na filosofia ao longo da história do conhecimento humano. Desde a Antiguidade, filósofos como Platão e Aristóteles já discutiam sobre a importância da empatia na construção de uma ética baseada no respeito e na consideração pelos outros (MOITOSO; CASAGRANDE, 2022).

Na Idade Média, Tomás de Aquino destacou a importância da caridade como uma forma de amor ao próximo, que envolve a empatia e a compaixão pelo outro. Na Modernidade, filósofos como Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau também destacaram a importância da empatia na construção de uma ética baseada no respeito pelos outros. Já no século XX, nessa mesma esteira relacional, a filósofa Edith Stein desenvolveu estudos sobre a fenomenologia da intersubjetividade, destacando a importância da empatia na compreensão do outro e na construção de uma ética baseada no cuidado pelo outro.

Assim, podemos perceber que, ao longo da história do conhecimento filosófico, a empatia e a ética sempre estiveram interligadas, sendo a empatia vista como um elemento fundamental na construção de uma ética baseada no respeito, na compreensão e no cuidado pelo outro (MOITOSO; CASAGRANDE, 2022).

A abordagem fenomenológica da ética é uma atuação da filosofia que busca compreender as questões éticas a partir da análise da experiência vivida pelos indivíduos. A fenomenologia se concentra na experiência humana imediata, descrevendo como as coisas aparecem para nós, em vez de fazer suposições sobre o mundo exterior (BUTLER, 2015).

Nesse sentido, a abordagem fenomenológica da ética se preocupa em descrever as experiências que os indivíduos têm em relação às questões éticas, incluindo a percepção de valores, obrigações e responsabilidades. A partir dessa descrição, busca-se compreender a natureza da moralidade e da ética (MIRANDA, 2017).

Conforme já mencionado, um dos principais expoentes dessa abordagem é o filósofo alemão Edmund Husserl, que desenvolveu a fenomenologia como um método para investigar a consciência humana. Husserl argumentava que a ética deve ser baseada na experiência vivida pelos indivíduos, em vez de ser imposta por uma autoridade externa (HUSSERL, 2007).

Outro fenomenológico importante para a ética, também já citado, é Emmanuel Levinas, que argumenta que a ética não deve ser vista como uma teoria ou um conjunto de princípios, mas como uma relação fundamental entre os indivíduos. Para Levinas, a ética é baseada na responsabilidade pelo outro, que é experimentada como uma demanda absoluta que não pode ser ignorada (MIRANDA, 2014).

Assim, a abordagem fenomenológica da ética busca compreender a natureza do comportamento ético-moral a partir da experiência vivida pelos indivíduos, sem pressupor uma autoridade externa ou uma teoria universal da ética, ou seja, fazendo-se uma suspensão (*epoché*) fenomenológica dos conceitos e pré concepções. Ela se concentra na percepção dos valores e obrigações que os indivíduos experimentam em suas vidas diárias, buscando compreender a natureza da moralidade a partir dessa experiência.

A *epoché* é uma ferramenta essencial para o método fenomenológico porque permite que o pesquisador focalize exclusivamente as estruturas da consciência e as maneiras como as coisas aparecem à consciência, sem ser influenciado ou distraído por crenças ou pressupostos acerca da realidade objetiva do mundo externo.

A relação entre a *epoché* e a redução fenomenológica é íntima. A redução fenomenológica é o processo pelo qual o fenomenólogo se move da atitude natural ou comum em relação ao mundo para uma atitude puramente fenomenológica. Em outras palavras, através da redução fenomenológica, o fenomenólogo tenta ver as coisas em si mesmas, focando em sua pura aparição ou manifestação à consciência, livre de todas as suposições, crenças e teorias acerca do mundo objetivo.

Em outros termos, a abordagem fenomenológica da ética está preocupada em entender a experiência vivida da moralidade e ou da ética, em vez de simplesmente estabelecer regras ou princípios de comportamento correto. Nesse sentido, a empatia é um conceito-atitude fundamental, pois permite compreender a perspectiva do outro e, assim, entender a sua experiência comportamental relativa aos possíveis valores de uma determinada sociedade.

Lembrando sempre que:

Ética tem um caráter basicamente teórico e enquanto teoria busca explicar, esclarecer ou investigar certa realidade. A Ética deve, portanto, justificar os motivos de ser da diversidade de conjuntos morais e mudanças sociais existentes nas mais diferentes sociedades; não é incumbência da teoria Ética legislar juízos de valor sobre a prática moral dessas sociedades, ou das

sociedades de outras épocas, em nome de uma moral absoluta e universal (VÁZQUEZ, 1995, p. 10).

Já, conforme relatado neste trabalho, **empatia**, na forma que é concebida por Edith Stein, apresenta-se como uma ferramenta para a compreensão de vivências alheias, a partir disso pretendemos analisar de que forma ela contribui para a fundamentação não apenas de uma teoria, mas de uma vivência ética (MAYERNYIK, 2016). Quando se trata de moral, é um conjunto de regras específico que determina o que é certo e errado e assegura a boa convivência em uma sociedade. Desta forma, a moral prevê certo e errado; a ética prevê bem e mal, sendo a moral a conduta específica e normativa; valores éticos são princípios, frutos de reflexão sobre ações e normas de conduta (MACKENZIE, sem data). Todavia, o endosso da empatia enquanto qualidade moral requer uma maior compreensão do fenômeno da vinculação emocional e uma definição mais específica ou estrita.

Uma definição muito ampla de empatia pode se tornar prejudicial, pois gera más interpretações nos contextos sociais. Por exemplo, pode-se interpretar que a empatia em relação aos criminosos corresponde a um apoio a atitude criminosa em si, quando, na realidade, a disposição empática se refere, apenas à humanidade dos indivíduos, entendida como valor acima do delito cometido por eles.

Oliveira (2018) afirma que é importante a empatia e a moral andarem juntas, pois quando se tem empatia, há uma construção da ética que é baseada na compreensão e no cuidado para com os outros, pois se compreende a pessoa através da perspectiva dela mesma e isso constrói a ética, valorizando a consideração pelo outro. Neste sentido, o autor ainda argumenta que a empatia permite que possamos compreender o outro não apenas como um objeto a ser considerado, mas como um ser humano em sua totalidade, com suas próprias vivências e experiências.

Assim, apresenta-se uma abordagem que valoriza a importância da empatia na ética contemporânea, destacando que essa capacidade cognitiva é essencial para a construção de uma ética baseada no respeito, no cuidado e consideração pela alteridade. O caráter ético-moral da empatia reside na valorização da humanidade do outro, identificada como fundamental, e não nas características secundárias e nas ações/atitudes deste (SANTOS, 2019).

Importa também ressaltar a importância da empatia no processo de tomada de decisão valorativa: "a empatia desempenha um papel importante no processo de

tomada de decisão moral, pois permite que a pessoa leve em conta as perspectivas e necessidades dos outros" (SANTOS, 2019, p. 68).

Também discute a relação entre empatia e justiça, argumentando que a empatia pode ajudar a equilibrar a justiça com a compaixão e a consideração pelos outros. Ela afirma que "[...] a empatia pode ajudar a equilibrar a justiça com a compaixão, porque permite que a pessoa leve em conta as necessidades dos outros e compreenda sua perspectiva" (SANTOS, 2019, p. 71).

Inúmeras são as investigações sobre a empatia. Autores definem como uma resposta emocional orientada ao outro, congruentes com o bem estar percebido em outra pessoa. Esta definição, nos remete a uma contradição, pois Prinz (2006) diz que o fenômeno da empatia é bem mais caracterizado como preocupação, pois o foco é o indivíduo. Ele defende que a empatia é a combinação da preocupação para com o indivíduo sem que este percebesse que está nesta situação. Ela, a empatia, pode ser melhorada pela combinação com a (des)aprovação e algum procedimento para atingir a imparcialidade.

Mas, uma vez que tenhamos esses outros mecanismos em funcionamento, a empatia pode se revelar supérflua. Se aprendermos a ver estranhos distantes como dignos de preocupação, e se ficarmos indignados quando suas necessidades não forem atendidas e encantados quando os ajudamos, então seremos motivados a agir em seu nome. A empatia sai de cena (PRINZ, 2006, p. 229, tradução nossa).

Monteiro e Almeida (2020) e Borba e Mendes (2021) destacam a importância da empatia na obra de Edith Stein e sua relação fundamental com a ética baseada na consideração pelo outro. A partir da abordagem fenomenológica, Stein nos mostra a importância de compreender a perspectiva e os valores do outro para o desenvolvimento de uma ética mais justa e humana.

Ao abordarem a relação entre empatia e ética na obra da filósofa alemã do século XX, Borba e Mendes (2021) assinalam ambas que ambas, segundo Edith Stein, estão interligadas, pois, "a ética é fundamentada na empatia, já que esta permite a consideração pelo outro como ser distinto e valioso em si mesmo" (BORBA; MENDES, 2021, p. 68).

As autoras destacam ainda que a abordagem fenomenológica de Stein permite uma análise mais profunda da empatia como fundamento da ética, visto que "[...] a empatia é considerada uma experiência pré-reflexiva, ou seja, anterior à consciência"

(BORBA; MENDES, 2021, p. 70). Destaca-se, assim, a importância da empatia na obra de Edith Stein e sua relação com a ética baseada na valorização da alteridade.

Monteiro e Almeida (2020) corroboram esta interpretação da obra de Edith Stein, destacando que para que não haja egoísmo, deve haver empatia, pois existe uma possibilidade do ser humano de ir além de si mesmo, entrando em contato com o outro. Além disso, as autoras apontam que a empatia é elemento necessário para a compreensão do outro, pois, para que haja entendimento entre as pessoas deve existir abertura ao novo.

Em um artigo intitulado **A fenomenologia da empatia em Edith Stein e a dimensão ética da experiência do outro**, publicado na revista Sophia em 2015, a autora Ana Carolina Cintra destaca a importância da empatia para a ética em Stein:

Para Stein, a empatia é a base para a compreensão do outro, é o meio através do qual conseguimos transcender o eu e a nossa individualidade e compreender a perspectiva do outro. É através da empatia que nos tornamos sensíveis às necessidades e aos interesses do outro, e assim, é possível desenvolver uma ética baseada na consideração pelo outro e no respeito pela alteridade (CINTRA, 2015, p. 129).

Em outro artigo intitulado **Edith Stein: a empatia como princípio ético**, publicado na revista Veritas, em 2016, a autora Maria da Conceição Bizarria destaca a relação entre empatia, compaixão e ética em Stein, reforçando o estreito laço entre essas três possibilidades humanas, como enfatizado no presente trabalho: “A empatia é a capacidade de sentir com o outro, é uma atitude de compreensão e de afetividade que nos permite nos colocarmos no lugar do outro e sentir o que ele sente” (BIZARRIA, 2016, p. 71).

Outro autor, Slote (2007), desenvolveu um projeto ético abrangendo a moralidade elevando a ética do cuidado a um *status* universal e invertendo a lógica do desenvolvimento moral que supervaloriza a justiça, passando a evidenciar o estágio relacional como norteador do agir ético, por meio da empatia. Tal perspectiva procura romper com a abordagem abstrata e imparcial, que sublinha o papel da razão, visto que são necessárias regras comuns para se viver em sociedade. Essa abordagem tampouco ignora a justiça social, uma vez que o conceito de empatia visa abranger o nível institucional e legal, traduzindo com maior sensibilidade o caráter das nossas intuições morais sobre a justiça.

Citando Silveira (2021, p.47), “Para Stein, a empatia é uma ponte entre as pessoas que possibilita a compreensão do outro em sua singularidade”. Outro autor, o filósofo Juvenal Savian Filho (2014, p. 19), destaca a importância da empatia para a construção de uma ética que valoriza a dignidade humana: “Através da empatia, somos capazes de reconhecer o outro com um ser humano único e singular, com sua própria história, suas próprias lutas e sofrimentos”.

Assim, a empatia é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de uma ética que valoriza a singularidade e a dignidade humana, estabelecendo uma relação de respeito para com a humanidade do outro enquanto tal:

A empatia é o meio através do qual somos capazes de transcender o eu e a nossa individualidade e compreender a perspectiva do outro. É através da empatia que nos tornamos sensíveis às necessidades e aos interesses do outro, e assim, é possível desenvolver uma ética baseada na consideração pelo outro e no respeito pela alteridade (STEIN, 2002, p. 173).

A empatia é, portanto, um princípio ético fundamental para Stein, que acredita que a compreensão do outro é a chave para a construção de uma sociedade melhor para todos. A partir desta, é possível desenvolver uma ética que leve em conta a diversidade e a alteridade do outro, respeitando sua individualidade e reconhecendo sua importância no mundo.

A filósofa destaca que a empatia não é apenas uma atitude sentimental, mas também uma atitude moral, pois nos permite reconhecer a dignidade do outro como ser humano e agir de forma justa e respeitosa em relação a ele.

Assim, a empatia se torna uma dimensão importante da ética, pois nos ajuda a superar o egoísmo e a desenvolver uma postura de consideração e respeito pelo outro. A ética, por sua vez, se torna um meio para a realização da empatia, pois nos orienta a agir de forma justa e responsável em relação ao outro, levando em consideração suas necessidades e interesses.

3.4 EMPATIA E EXISTÊNCIA: A EMPATIA DO SER

O conceito de **empatia do ser** tem sido explorado em diversos artigos acadêmicos de filosofia. Essas abordagens em geral buscam compreender a empatia como uma dimensão própria do ser humano, ou seja, como uma característica intrínseca da existência humana.

No artigo de Silva (2019), por exemplo, é abordada a empatia do ser em Edith Stein, destacando sua importância para uma ética do cuidado, a qual pressupõe a possibilidade universal daquela:

A empatia do ser é uma das dimensões ontológicas fundamentais que tornam possível o cuidado. Essa empatia nos permite perceber a existência do outro, compreender sua perspectiva e reconhecer sua singularidade. Para Stein, a empatia do ser é uma característica intrínseca do ser humano, que nos permite transcender a nós mesmos e entrar em relação com o outro (SILVA, 2019, p. 45).

Em outro artigo, o mesmo autor aborda a empatia do ser em Heidegger e Stein, destacando a importância dessa noção para a compreensão da existência humana em si:

A empatia do ser é uma dimensão ontológica que torna possível a compreensão da existência humana. Ela nos permite perceber a existência do outro como uma possibilidade de ser, e assim, compreender a nossa própria existência como uma possibilidade entre outras. Em Stein e Heidegger, a empatia do ser é fundamental para a compreensão da existência humana como uma relação com o mundo e com o outro (SILVA, 2020, p. 25).

Esses artigos destacam a empatia do ser como uma dimensão ontológica fundamental da existência humana, que permite a compreensão do outro e o cuidado ético. Além disso, a empatia do ser é vista como uma possibilidade de compreensão da própria existência humana e sua relação com o mundo e com o outro.

Silva (2019) tem como objetivo explorar a empatia do ser como uma dimensão ontológica do ser humano e sua relação com a ética do cuidado. De acordo com o autor, "[...] a empatia do ser é uma característica ontológica do ser humano, que nos permite transcender a nós mesmos e entrar em relação com o outro. Ela é uma disposição para compreender o outro em sua singularidade e para acolhê-lo como outro eu" (SILVA, 2019, p. 44).

Além disso, o autor ressalta que "[...] a empatia do ser é a base para uma ética do cuidado, que se preocupa em reconhecer a singularidade do outro e em promover sua existência plena" (SILVA, 2019, p. 49).

O autor também destaca a importância da filosofia de Edith Stein para a compreensão mesma da empatia do ser, afirmando que "[...] para Stein, a empatia é uma dimensão ontológica fundamental do ser humano, que permite a abertura para o

outro e a compreensão de sua singularidade" (SILVA, 2019, p. 43). Além disso, o autor argumenta que a empatia do ser, segundo Stein, "[...] é a base para a construção de uma ética do cuidado, que se preocupa em promover a existência plena do outro através da compreensão de sua singularidade" (SILVA, 2019, p. 53).

Silva enfatiza que a empatia do ser permite a compreensão da existência humana como uma relação com o mundo e com o outro, afirmando que é importante existir compreensão de um ser humano para com o outro, condição fundamental para as relações (SILVA, 2020, p. 25).

O autor ainda ressalta que a empatia do ser, justamente por ser uma possibilidade de compreensão da própria existência humana e de sua relação com o mundo e com o outro, ela pode fornecer respostas às emoções das outras pessoas, como uma forma de se colocar no lugar da outra pessoa ou em uma situação específica, a pessoa empática pode compreender as emoções de outro, assumindo reações mais maduras, equilibradas e adequadas (SILVA, 2020, p. 26).

Assim, a empatia possui um papel importante na história evolutiva da humanidade. Embora ser empático não signifique necessariamente querer sempre ajudar o outro, é um componente vital para a compaixão. Desta forma, pessoas empáticas costumam agir mais vezes como solidariedade e auxílio efetivo. De outra modo, se ao longo da história, as pessoas não conseguissem sentir a dor do outro a ponto de oferecer ajuda, certamente não estaríamos aqui hoje (GALVÃO, sem data).

Seria impossível também, desenvolver a noção de que somos, de fato, muito semelhantes. O exterior pode ser diferente, mas as emoções, os sentimentos, os sonhos, as dores e os medos são similares (GALVÃO, sem data).

Para Heidegger, a empatia do ser é uma característica fundamental da existência humana, que permite a compreensão da existência do outro como uma possibilidade de ser. Silva (2020) cita o filósofo ao afirmar que "[...] o ser-aí (*Dasein*) é capaz de assumir a existência do outro como uma possibilidade do próprio ser, reconhecendo que ele também é um ser-no-mundo, capaz de assumir seu destino" (SILVA, 2020, p. 20, grifo do autor).

Já para Edith Stein, a empatia do ser é uma característica intrínseca da existência humana, que permite transcender a si mesmo e entrar em relação com a alteridade. Ela é uma habilidade natural, que se adquire durante a criação educativa e as experiências da vida, quando ela pode ser despertada e desenvolvida. Pois

quando alguém consegue se colocar no lugar do outro, tudo fica mais agradável, estreitando os laços e afinidades (GALVÃO, sem data).

Silva (2020), ainda destaca que a empatia do ser é fundamental para uma assimilação ética da existência humana, permitindo a compreensão da singularidade do outro e a tomada de decisões baseadas no cuidado e na responsabilidade para com a vida alheia. Desse modo, Silva apresenta uma abordagem profunda sobre a empatia do ser em Heidegger e Stein, enfatizando a importância dela para a compreensão da existência humana e para uma ética do cuidado concreto.

Entendida como a capacidade humana de abrir-se para o outro e compreendê-lo a partir da perspectiva dele, para Stein (2015), a empatia é uma dimensão fundamental da existência humana e está intimamente ligada à compreensão da existência em si mesma, de modo que existir plenamente inclui a postura empática.

Em sua obra Edith Stein também destaca que, no desenvolvimento de uma ética do cuidado, a empatia nos permite reconhecer a singularidade do outro e compreender suas necessidades específicas, transcendendo nossa própria individualidade. A partir da empatia, podemos nos colocar no lugar do outro e agir de forma apropriada, considerando as necessidades e interesses também da alteridade.

O sentimento é bem abstrato e seu desenvolvimento varia de pessoa para pessoa. Às vezes somos empáticos em algumas situações, mas não em outras. Com a empatia, a sensação é de ser aquela pessoa e, por isso, consegue-se compreender escolhas, alegrias, medos, arrogância, agressividade e ignorância, ou seja, o que há de bom e de ruim em alguém. É acreditar que, se estivesse no lugar existencial do outro, então se faria exatamente a mesma coisa (FIRMINO, 2020).

Eu preciso primeiro me abrir, olhar para o outro do ponto de vista dele, renunciar aos meus julgamentos, minhas verdades e minhas crenças. Poder me abrir para poder compreender o que o outro está vivendo é empatia, e ela vem muito antes do amor, afirma Firmino (2020) ressalta que,

Caso não possa ouvir a pessoa naquele momento, seja gentil em dizer que não pode e o procure assim que possível, completa Elizângela. Essa é uma decisão inteligente, pois ter empatia significa se envolver com o que se está escutando. Preste atenção no tom de voz e à linguagem corporal (FIRMINO, 2020, não paginado).

A empatia é uma competência que só se desenvolve na prática. Por mais que as leituras, as conversas e as reflexões ajudem a compreender a vida e as dificuldades

do outro, a melhor maneira de se tornar uma pessoa empática é na vida real. O lado bom é que, enquanto se tenta ter empatia para com alguém, esse mesmo alguém também pode estar nesse processo com você, o que deixa as tentativas mais verdadeiras.

Do ponto de vista prático, exercer a empatia não é fácil. A paciência com as pessoas que não conhecemos é bem maior do que com os próximos. As máscaras da simpatia, da resiliência, da compreensão e da empatia para nos adequarmos a determinadas situações e as expectativas dos outros é comumente colocada. Mas essas máscaras muitas vezes caem. Sendo assim, é importante treinar a habilidade de desatar nós e criar laços (FIRMINO, 2020).

A relação entre empatia e existência é um tema pouco explorado no campo da filosofia, e poucos artigos acadêmicos abordam essa temática. Mas, os autores que estudam o tema, destacam a importância da empatia em relação à existência e afirmam que primam pela necessidade do reconhecimento da humanidade do outro na relação intersubjetiva, isto é, do reconhecimento da alteridade e da intencionalidade singular, bem como da importância da comunicação.

É por meio da comunicação com o outro que podemos elucidar seu projeto e vivências, tanto quanto buscar esclarecer o que não é claro dele para nós mesmos e para ele em relação a nós. Por fim, também propõe que é a comunicação ao outro daquilo que se experiencia pela atitude empática, que lhe oportuniza a aproximação progressiva de um *self* mais autêntico, e, por conseguinte, de um funcionamento psíquico mais saudável.

4 A EMPATIA DO SER NA CONTEMPORANEIDADE

A ideia de empatia do ser, como uma dimensão ontológica fundamental da existência humana, pode auxiliar na compreensão de questões da contemporaneidade, especialmente em relação à crise de diálogo e de cuidado ético nas relações humanas.

Em um mundo cada vez mais marcado pela polarização e pelo individualismo, a empatia do ser pode ser vista como uma possibilidade de transcendência do egoísmo e de abertura ao outro. Como destaca o filósofo Emmanuel Levinas (2014), a responsabilidade ética surge a partir do encontro com o outro, e a empatia do ser pode ser vista como uma dimensão ontológica que torna possível esse encontro.

Além disso, a empatia do ser pode ser vista como uma possibilidade de compreensão da própria existência humana e sua relação com o mundo e com o outro, o que pode ser especialmente relevante em um mundo em que a tecnologia e a racionalidade instrumental tendem a dominar as relações humanas.

Assim, a empatia do ser pode ser vista como uma possibilidade de superação das limitações da contemporaneidade, que muitas vezes tende a enfatizar o individualismo e a fragmentação das relações humanas.

A filosofia de Edith Stein pode auxiliar na compreensão do mundo contemporâneo por meio de sua abordagem da intersubjetividade e da empatia do ser. Como destacado anteriormente, a empatia do ser é uma dimensão ontológica fundamental da existência humana, que permite a compreensão do outro e o cuidado ético. Essa compreensão pode ser aplicada a diversos contextos contemporâneos, como na promoção de relações mais justas e igualitárias entre indivíduos e grupos sociais.

Além disso, a obra de Edith Stein também pode auxiliar na reflexão sobre a condição humana no mundo atual. Em sua obra **Ser finito e ser eterno** (2002), Stein discute a natureza da finitude humana e a busca pela transcendência. Essa reflexão pode ser útil para compreender as angústias e desafios enfrentados pelos indivíduos contemporâneos, em meio a uma sociedade marcada pela busca constante por realização pessoal e pelo avanço tecnológico.

Por fim, a abordagem da filosofia de Edith Stein sobre a relação entre a pessoa humana e o mundo também pode ser útil para compreender questões contemporâneas relacionadas ao meio ambiente e à sustentabilidade. Em **A estrutura**

da pessoa humana (2015), Stein destaca a importância da relação da pessoa com o mundo e a responsabilidade que temos em cuidar dele. Essa reflexão pode ser aplicada na compreensão dos desafios ecológicos atuais e na promoção de uma relação mais equilibrada e responsável do ser humano com o meio ambiente.

A relação entre empatia e intersubjetividade é uma temática de grande relevância para compreender questões contemporâneas, especialmente no que diz respeito às relações humanas e sociais.

Nos últimos anos, a intersubjetividade tem se tornado, implícita ou explicitamente, um denominador comum em estudos do envolvimento pessoal que a população tem nos pensamentos e sentimentos do outro. Vários significados têm sido atribuídos à intersubjetividade, com diferentes frentes: em seus aspectos afetivo-emocionais, ou em aspectos cognitivos (BUSSAB, 2003).

Outros autores salientaram aspectos cognitivos da intersubjetividade, destacando a atenção convergente a objetos de referência, num domínio partilhado de conversação linguística ou extralinguística. Em um contexto interacional desse tipo, com partilha de atenção e compartilhamento emocional, a palavra parece se encaixar como uma luva (BUSSAB, 2003). Numa situação em que um adulto e um bebê estão engajados numa interação, sincronizados no mesmo ritmo, contagiados pela mesma emoção e compartilhando o foco da atenção num mesmo evento, a emissão, por parte de um adulto, de uma palavra referente a tal evento se preenche de pronto com um conteúdo significativo, com um conteúdo vivido. Não é de estranhar que o papel dessa intersubjetividade venha sendo reconhecido como crucial no desenvolvimento da linguagem.

Nesse sentido, a filosofia de Edith Stein, que aborda a empatia do ser e a intersubjetividade como dimensões ontológicas fundamentais da existência humana, pode contribuir significativamente para a compreensão de questões contemporâneas, tais como a polarização política, as desigualdades sociais, o racismo, a xenofobia, entre outras.

A partir da perspectiva da empatia do ser, é possível compreender que, ao reconhecermos a existência do outro como uma possibilidade de ser, podemos superar nossos próprios limites e preconceitos, e assim, estabelecer relações mais autênticas e solidárias. Da mesma forma, a intersubjetividade nos permite perceber que as diferenças entre os seres humanos não devem ser motivo de exclusão ou discriminação, mas sim de enriquecimento mútuo e colaboração.

Portanto, a relação entre empatia e intersubjetividade pode auxiliar na compreensão de questões contemporâneas, especialmente no que diz respeito às relações humanas e sociais, contribuindo para a construção de um mundo mais justo e solidário.

Ligado a isso, temos que a relação entre empatia e ética tem sido amplamente explorada na filosofia contemporânea, especialmente no contexto das questões sociais e políticas. A empatia é vista como um elemento fundamental para a construção de uma ética do cuidado, que busca reconhecer e valorizar a singularidade do outro por meio da compreensão das diferenças e da promoção do diálogo entre indivíduos e grupos distintos.

Um exemplo de como a empatia e a ética podem ser aplicadas em questões contemporâneas é a abordagem da justiça restaurativa, que busca promover a reparação e a reconciliação em casos de conflito. A empatia é fundamental nesse processo, pois permite que as partes envolvidas compreendam a perspectiva do outro e reconheçam sua dor e seu sofrimento. Além disso, a ética do cuidado é aplicada na busca por soluções que promovam a justiça e a dignidade das pessoas envolvidas (BARBOSA; SILVA 2007).

Outro exemplo de como a empatia e a ética podem ser aplicadas na contemporaneidade é a questão da imigração. A empatia é fundamental nesse contexto, pois permite que os indivíduos compreendam a perspectiva dos imigrantes e reconheçam suas dificuldades e seus sofrimentos. A ética do cuidado é aplicada na busca por soluções que promovam a dignidade e os direitos humanos dos imigrantes, assim como a justiça social (VIDAL, 2014).

Em resumo, a relação entre empatia e ética pode ser vista como uma abordagem fundamental para compreender e lidar com questões contemporâneas complexas. A empatia permite a compreensão das perspectivas dos outros e a valorização da singularidade, enquanto a ética do cuidado busca promover a justiça, a dignidade e os direitos humanos.

A relação entre empatia e ética tem sido explorada em alguns artigos acadêmicos como forma de compreender questões da atualidade. A empatia é vista como uma capacidade fundamental para a construção de uma ética do cuidado e da responsabilidade social, capaz de superar as barreiras que separam os indivíduos e promover a solidariedade e a justiça social.

Um exemplo de artigo que aborda essa relação é **Empatia e justiça social: uma abordagem a partir de Martha Nussbaum**, publicado na revista *Kínesis Estudos Filosóficos* em 2019, destaca a importância da empatia para a construção de uma sociedade justa e inclusiva:

A empatia é uma capacidade fundamental para a construção de uma sociedade justa e inclusiva. Ela nos permite compreender as diferenças e reconhecer a dignidade de todas as pessoas. A empatia nos leva a agir com solidariedade e responsabilidade social, e assim, lutar contra a discriminação e a exclusão social (GUIMARÃES, 2019, p. 82).

Esse artigo destaca a relação entre empatia e ética como forma de compreender questões contemporâneas relacionadas à dignidade humana, responsabilidade social, justiça e inclusão.

Vivemos um momento especial para a compreensão das características humanas básicas, graças à conjunção de esforços de muitas áreas de pesquisa. Não deixa de ser interessante que estejamos identificando, num dos processos mais fundamentalmente relacionados à nossa natureza biologicamente social, uma composição de fenômenos que envolvem ao mesmo tempo cognição, afeto e emoção, ligados a vínculo e compartilhamento e ao encontro com o outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória filosófica de Edith Stein e seu contexto histórico-cultural foram o ponto de partida para a pesquisa que buscou compreender sua concepção de empatia e a relevância desta para o pensamento contemporâneo. Ao longo do texto, foi possível analisar o conceito de empatia e suas implicações na filosofia de Edith Stein, que a como uma capacidade de compreender o outro, de se colocar em seu lugar e de reconhecer sua singularidade existencial e afetiva.

Além disso, foi investigada a relação entre empatia e intersubjetividade na obra de Edith Stein, que mostra como a primeira é fundamental para a compreensão do outro como ser humano e para a superação da separação psicológica-específica entre os indivíduos. A partir dessa relação, é possível estabelecer uma ética do cuidado e da responsabilidade coletiva, capaz de promover a solidariedade e a justiça social.

Em continuidade com a temática desenvolvida, outro aspecto abordado na pesquisa foi a relação entre empatia e ética na filosofia de steiniana, que destaca a importância da empatia para uma ética que valorize a dignidade humana e a responsabilidade social. A empatia é vista como uma capacidade fundamental para agir de forma responsável em relação à alteridade, compreendendo suas necessidades e aspirações.

Por fim, foi analisada a relevância da empatia do ser de Edith Stein para o pensamento contemporâneo, destacando sua contribuição para a ética, a política e a psicologia. A empatia é vista como uma forma de superar as barreiras que separam os indivíduos e promover a solidariedade e a justiça social, aspectos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Dessa forma, a pesquisa evidenciou como a concepção de empatia de Edith Stein é relevante para o pensamento contemporâneo, especialmente em um contexto em que a compreensão do outro e o diálogo são fundamentais para a construção de uma sociedade mais aberta à alteridade, e, por conseguinte, mais contributiva e pacífica. A empatia, entendida como uma capacidade de compreender e se relacionar com o outro, é um caminho para a superação da indiferença e da violência, promovendo o respeito, a solidariedade e a justiça social.

Em conclusão, a empatia do ser é uma ideia que tem ganhado destaque na filosofia contemporânea, especialmente por sua capacidade de auxiliar na compreensão de questões fundamentais da existência humana, como a

intersubjetividade, a ética e a responsabilidade social. A partir da perspectiva de Edith Stein, é possível compreender a empatia como um potencial inerente à condição humana, que nos permite reconhecer a singularidade do outro e compreender suas necessidades e aspirações.

A empatia do ser também nos leva a uma compreensão mais profunda da intersubjetividade, que é vista como uma condição essencial da existência humana. A partir da empatia, podemos compreender a interdependência e a coexistência entre os indivíduos, e assim, promover relações mais solidárias e construtivas.

Por fim, ao estudar a trajetória filosófica de Edith Stein e seu contexto histórico-cultural, é possível compreender a concepção de empatia em sua obra. Trata-se, em suma, de uma capacidade que nos permite entrar em contato com o mundo do outro e, assim, compreendê-lo e respeitá-lo em sua singularidade. A partir dessa perspectiva, a empatia mostra-se como uma dimensão intersubjetiva, que nos permite reconhecer a presença da alteridade humana em nossa vida e construir relações mútuas de cuidado e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

- BARBARAS, R. **Introduction à la philosophie de Husserl**. Chatou: Les Éditions de La Transparence, 2008.
- BARBOSA, Ingrid de Almeida; SILVA, Maria Júlia Paes. Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 5, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/zwq9mcbRqtP8xVNHxg3QtJF>>. Acesso em: 20 set. 2023
- BARREIRA, Irley Franco. A Fenomenologia da Vida em Edith Stein. **KRITERION: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 119, n. 1, p. 21-36, 2008.
- BIZARRIA, Maria da Conceição. Edith Stein: a empatia como princípio ético. **Veritas: Revista de Filosofia da PUCRS**, Porto Alegre, v. 61, n. 1, p. 66-79, 2016.
- BLOOM, Paul. **O que nos faz bons ou maus**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2014.
- BORBA, Camila; MENDES, Jéssica. Empatia e Ética em Edith Stein. **Diálogo Filosófico**, v.37, n.1, p. 65-77, 2021.
- BORGES, Anselmo. A Fenomenologia da empatia em Edith Stein: Uma introdução. **Cadernos de Fenomenologia**, v. 2, n. 27, p. 11-36, 2011.
- BUSSAD, Vera Silva Raad. Afetividade e interação social em crianças: abordagem psicoetológica. Tese de livre docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CARVALHO, R. F. Empatia e ética: uma análise a partir de Edith Stein. **Kínesis**, v.10, n.22, p. 21-33, 2018.
- CASULA, Maria Carolina de Araújo. Edith Stein e a fenomenologia da pessoa. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v. 70, n. 1, p. 61-84, 2014.
- CINTRA, Ana Carolina. A fenomenologia da empatia em Edith Stein e a dimensão ética da experiência do outro. **Sophia**, v. 14, n. 1, p. 123-138, 2015.
- CORDEIRO, Edson Luiz. **Fenomenologia e religião: a contribuição de Edith Stein**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CRUZ, Flávio. Edith Stein e a fenomenologia da intersubjetividade. **Veritas**, Santa Catarina v. 55, n. 2, p. 139-156, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaveritas/article/view/59646>. Acesso em: 26 ago. 2023.

DALBOSCO, C. J. **Empatia e intersubjetividade**: a fenomenologia da pessoa em Edith Stein. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

FIRMINO, Carol. **É possível aumentar empatia? Saiba o que é e como melhorar suas relações**. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/12/07/empatia-o-que-e-e-como-desenvolver-para-melhorar-suas-relacoes.htm>>. Acesso em: 16 out. 2023.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. Intersubjetividade e empatia em Edith Stein.

Cadernos de Ética e Filosofia Política, v. 20, n. 2, p. 71-84, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Ethics/article/view/31733>. Acesso em: 05 nov. 2023.

GALVÃO, Veluma. **O que é empatia e como desenvolvê-la**. Disponível em

<<https://www.psicologo.com.br/blog/o-que-e-empatia-e-como-desenvolve-la>>. Acesso em 10 nov. 23.

GUIMARÃES, L. S. Empatia e justiça social: uma abordagem a partir de Martha Nussbaum. **Estudos Filosóficos**, v.12, n.1, 78-92, 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HUSSERL, E. **Méditations Cartésiennes et les conférences de Paris**. Tradução de Marc de Launay. Paris: PUF, 2007.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1991.

MACKENZIE. **Ética e Moral**: entenda a diferença na filosofia. Disponível em:

<<https://blog.mackenzie.br/vestibular/materias-vestibular/as-divergencias-entre-os-conceitos-de-moral-e-etica-na-filosofia/#:~:text=nesse%20texto%2c%20voc%3%aa%20conheceu%20os,a%3%a7%c3%b5es%20e%20normas%20de%20conduta>>. Acesso em: 27 out. 23.

MARQUES, Izabel Christina. **Edith Stein**: a filósofa e a mística. São Paulo: Loyola, 2007.

MARQUES, Livia. **Desafio de Educar**: a educação é a base para um mundo melhor! v. 2. Rio de Janeiro: Conquista Editora, 2019.

MAYERNYIK, M. A. O Cuidado Empático: contribuições para a Ética e Sua Interface com a Educação Moral na Formação em Saúde. **RBEM**: Revista Brasileira de Educação Médica, Brasília, v. 40, n. 1, jan./mar. 2016. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbem/a/mPNNtfNrHkvn64VrrQ7jKgR/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 set. 2023.

MERLAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011

MIRANDA, José Valdinei Albuquerque de. Levinas e a reconstrução da subjetividade ética aproximações com o campo da educação. **RBE**: Revista Brasileira de

Educação, Rio de Janeiro, v. 19, n. 57, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qg9DD46rTRM7HBNXpx7rswq/?lang=pt>>. Acesso em: 20 set. 2023.

MIRANDA, Lívia. Edith Stein e a Fenomenologia da empatia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 20, n. 2, p. 129-136, 2014.

MIRANDA, Verena dos Santos. **Ética e Empatia como fatores importantes para a formação de crianças no Ensino Fundamental**. 2017. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)-Universidade Federal do Pará – UFPA, Pará, 2017.

MOITOSO Gisele Schmidt; CASAGRANDE, Cledes Antonio. A gênese e o desenvolvimento da empatia: fatores formativos implicados. **Educação Por Escrito**, v. 8, n. 2, p. 209-224, 2017.

MONTEIRO, Isadora; ALMEIDA, Renata. Empatia e Ética em Edith Stein: considerações a partir da fenomenologia. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 27, n.48, p. 83-94, 2020.

OLIVEIRA, Marcos. Empatia e ética na filosofia contemporânea. **Revista de Ética e Filosofia Política**, n. 22, p. 32-41, 2018.

OLIVEIRA, Ricardo. Edith Stein: subjetividade e empatia. **Revista Dois Pontos**, v. 12, n. 1, p. 11-27, 2015.

PINTOR, R. M. **Fenomenologia e antropologia em Edith Stein**. In: SÃO LEOPOLDO: ANO XXVIII, Nº 68, P. 25-40, JAN./JUN. 2018.

PRINZ, J. The emotional bases of moral judgments. **Philosophical Explorations**. n. 9, v. 1, p. 29-43. 2006.

SANTOS, Ana Paula dos. Empatia e moralidade: uma perspectiva filosófica. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, v. 7, n. 1, p. 63-72, 2019.

SANTOS, Eduardo Ferreira. A empatia e a intersubjetividade em Edith Stein. **Intuitio**, v. 7, n. 1, p. 101-114, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/intuitio/article/view/23617>. Acesso em: 26 abr. 2023.

SAVIAN, Filho Juvenal (Org.). **Empatia Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas**. São Paulo: Loyola, 2014.

SCHELER, Max. **Formalismo na Ética e Ética Material dos Valores**. Tradução de Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, André. Empatia do ser: um caminho para a solidariedade em Edith Stein. **Revista Veritas**, v. 65, n. 1, p. 99-114, 2020.

SILVA, L. C. A empatia do ser em Edith Stein: fundamentos ontológicos para uma ética do cuidado. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, v.7, n.1, p. 41-54, 2019.

SILVEIRA, M. M. Problemas no uso de empatia em investigações sobre o comportamento moral. **Ethic@**, v. 20, n. 1, 179-209. 2021.

SLOTE, M. **The ethics of care and empathy**. New York: Routledge, 2007.

SOUZA, Carlos Roberto Martins de. A abordagem fenomenológica da empatia em Edith Stein. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 2, p. 225-231, 2005.

STEIN, Edith. **A estrutura da pessoa humana**. Tradução de Arlindo Corrêa da Silva. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. **Ser finito e ser eterno: ensaios filosóficos**. Tradução de Arlindo Corrêa da Silva. São Paulo: Paulus, 2002.

VARGAS, Carlos Eduardo de Carvalho; LUZ, Clodoaldo da. Entre o Ser Finito e o Ser Eterno: Edith Stein e as Noções Tomasianas de Ser e Eternidade. **Basilíade - Revista de Filosofia**, v. 5, n. 10, p. 23–44. 2023.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

Vidal, et al. A bioética e o trabalho na estratégia saúde da família: uma proposta de educação. **Revista brasileira educação médica**, v. 38, n. 3. 2014.

XAVIER, Denilson. **Edith Stein e a fenomenologia: fundamentos para uma compreensão da pessoa humana**. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ZANFRA, Beatriz Viana de Araújo; FUJIWARA, Gustavo. **Do Alter Ego à Intersubjetividade Transcendental: considerações sobre as meditações cartesianas de Husserl**. 2019. f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de São Paulo, 2019.